

Fernando Pessoa e a questão de Deus

«Na margem verde da estrada / Os malmequeres são meus. / Já trago a alma cansada — / Não é disso: é de Deus»¹.

A febre de além, cerne da obra pessoana

No seu estudo recente sobre «o Deus dos filósofos», Wilhelm Weischedel demonstrou que a questão de Deus constitui «a problemática central da filosofia», de Tales e Anaximandro a Nietzsche e Heidegger. «Mesmo onde a teologia filosófica está em decadência(...), continua a ter uma importância decisiva, pelo menos como algo que há que superar antes de qualquer outra coisa. Por isso, com razão (...) o discurso sobre Deus é considerado como o problema essencial da filosofia»². Ora, como escreve Martin Heidegger, «A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação (...). A libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais originário está reservado como tarefa para o pensar e o poetizar (...). Só de passagem vamos nomear agora a Poesia. Ela se confronta com as mesmas questões e da mesma maneira, como o pensar. Mas ainda sempre vale a pouco meditada palavra de Aristóteles em sua *Poética* que o poematizar é mais verdadeiro que o investigar o ente»³. Aliás, a interpenetração do Ser, do Pensamento e da Poesia é afirmada de modo radical nas palavras célebres de Novalis que servem de *ex-libris* às Obras Completas de Fernando Pessoa:

¹ Fernando Pessoa, *Poesias Inéditas* (1919-1930), Lisboa, s/d, p. 180. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de VIII (8.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

² W. Weischedel, *Der Gott der Philosophen. Grundlegung einer philosophischen Theologie im Zeitalter des Nihilismus*, Darmstadt, 1971, I, p. 494.

³ M. Heidegger, *Carta sobre o Humanismo*, Lisboa, 1973, pp. 37-38 e 122-123. Cf. também Delfim Santos, *Heidegger e Hölderlin ou a essência da poesia*, Porto, 1938 (separata do n.º 4 da *Revista de Portugal*) e Eduardo Lourenço, *Poesia e Metafísica. Camões, Antero, Pessoa*, Lisboa, 1983.

«Die Poesie ist das echt absolut Reelle. Dies ist der Kern meiner Philosophie. Je poetischer, je wahrer» (A poesia é o autêntica e absolutamente real. Isto é o cerne da minha filosofia. Quanto mais poético mais verdadeiro). Assim, sendo Fernando Pessoa certamente o mais metafísico dos poetas de língua portuguesa — «O que em mim sente está pensando»⁴ e, por isso, nele, «a Arte é Pensamento»⁵ — não admira que o centro da sua obra genial seja habitado pela questão religiosa, no sentido mais vasto e também mais profundo da palavra. De facto, a filosofia, a arte e a religião têm todas como tarefa essencial, face ao imeditato dos fenómenos e do caótico das aparências, a busca e *re-ligação* de tudo no Absoluto, na Realidade Última, que é, por isso mesmo, a Realidade Primeira.

Todos os Autores que se aproximaram da obra de Pessoa convergem na afirmação de que o centro da sua problemática é o mistério ontológico-teológico, em perspectiva metafísico-existencial. Alfredo Antunes escreve: «A vida, o eu, os seres, o ser dos seres, o oculto, o além... eis a problemática latente em toda a obra» (pessoa) ⁶. E acrescenta, apresentando uma série de citações de Mar Talegre, Casais Monteiro, Massaud Moisés, J. Gaspar Simões, J. Prado Coelho, Mário Sacramento, Joel Serrão: «A convicção de que a obra do Poeta é uma tentativa de definir-se e definir o indefinível da vida e das coisas — a resolução do mistério fundamental — é comum a todos os que têm estudado este autor»⁷. «Alma essencialmente religiosa também pois a de Fernando Pessoa», conclui o Padre Manuel Antunes⁸. Também segundo Cleonice Berardelli, em *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*, o que constitui «o cerne do Poeta Fernando Pessoa» é «a sua febre de Além»⁹. Para António Pina Coelho «(...) toda a obra pessoana gravita em torno do grande mistério

⁴ Fernando Pessoa, *Poesias*, Lisboa, 1980, 11.ª ed., p. 111. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de I (1.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

⁵ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, cit. por António Quadros, *Fernando Pessoa*, Lisboa, s/d, 2.ª ed., pp. 153-154.

⁶ Alfredo Antunes, «Fernando Pessoa e o Problema do Ser», em *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XVIII, n.º 2, Abril-Junho de 1962, p. 123.

⁷ A. c., p. 124.

⁸ Manuel Antunes, «Três Poetas do Sagrado: Pascoaes, Pessoa, Régio», em *Brotéria*, vol. LXV, n.º 1, Julho de 1957, p. 49.

⁹ Cit. por Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, 1973, 4.ª ed., p. 251.

da transcendência-imanência do ser, ou seja de Deus»¹⁰. E Eduardo Lourenço resume: «Repetiu-se até à Náusea que o drama de Pessoa é o do homem e do Absoluto, da Consciência e da Realidade e tudo isso não é senão obsessiva mas abstractamente óbvio»¹¹.

Talvez não seja, porém, necessário continuar com citações fastidiosas, porque convergentes, pois o próprio Fernando Pessoa escreveu ao seu amigo católico Armando Cortes-Rodrigues: «Eu ando há muito tempo — desde que lhe prometi esta carta — com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu «caso», da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você — isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas), como *almas*, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós-próprios e para com a humanidade. (...) Chamo insinceras às cousas feitas para fazer pasmar, e às cousas, também — *repare nisto, que é importante* — que não contêm uma fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção de gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir»¹². A sua alma anda cansada de Deus, porque é «esta febre de Além, que (o) consome»¹³.

¹⁰ António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, 1971, I, p. 206.

¹¹ Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*, Porto, 1973, p. 60.

¹² Carta de 1915, em *Fernando Pessoa. O Rosto e as Máscaras* (Antologia cronológica, organizada e prefaciada por David Mourão-Ferreira), Lisboa, 1976, pp. 51-53.

¹³ Fernando Pessoa, *Mensagem*, Lisboa, 1978, 12.ª ed., p. 38. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de V (5.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

Deus e a vertigem do abismo do (de) ser

Fernando Pessoa vive obsessivamente sitiado pelo mistério. «O mistério ruiu sobre a minha alma / E soterrou-a... Morro consciente! / Acorda, eis o mistério ao pé de ti!»¹⁴. «Quero fugir ao mistério / Para onde fugirei? / Ele é a vida e a morte / Ó Dor, aonde me irei? / O mistério de tudo / Aproxima-se tanto do meu ser, / Chega aos olhos meus d'alma tão (de) perto, / Que me dissolvo em trevas e universo... / Em trevas me apavoro escuramente»¹⁵. «Cidades, com seus comércios... / Tudo é permanentemente estranho, mesmamente / Descomunal, no pensamento fundo; / Tudo é mistério, tudo é transcendente / Na sua complexidade enorme»¹⁶.

Somos estrangeiros num universo em que tudo é estranho. «Meu coração é um balde despejado. / Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco / A mim mesmo e não encontro nada. / Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta. / Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam, / Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam, / Vejo os cães que também existem, / E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo, / E tudo isto é estrangeiro como tudo»¹⁷. «Eu não sei porquê, / Meu desde onde venho, / Sou o ser que vê, / E vê tudo estranho»¹⁸. «Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —, / Transeunte inútil de ti e de mim, / Estrangeiro aqui como em toda a parte (...)»¹⁹. É que «vivemos todos, neste mundo, a bordo de um navio saído de um porto que desconhecemos para um porto que ignoramos (...)»²⁰. Mas saberemos qualquer coisa do que se passa na viagem? Saberemos qualquer coisa sobre qualquer coisa? «Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros / Onde quer que estejamos. / Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros / Onde quer que moremos. Tudo é alheio / Nem fala língua

¹⁴ Fernando Pessoa, *Poemas Dramáticos*, Lisboa, 1979, I, p. 74. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de VI (6.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

¹⁵ VI, 73.

¹⁶ VI, 75-76.

¹⁷ Álvaro de Campos, *Poesias*, Lisboa, 1980, p. 256. Será citado, daqui para diante apenas com a indicação de II (2.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

¹⁸ I, 102.

¹⁹ II, 251.

²⁰ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, cit. em David Mourão-Ferreira, *o. c.*, p. 128.

nossa»²¹. «O passado não é senão um sonho... Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já passou... O que é qualquer coisa? Como é que ela passa? Como é por dentro o modo como ela passa?...», pergunta a Primeira Veladora do drama estático «O Marinheiro»²²; e a Terceira Veladora: «Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?...»²³. Afinal, «há resposta para alguma coisa?», pergunta ainda, lancinantemente, a Segunda Veladora²⁴.

A constelação do que poderíamos chamar o mistério genérico tem uma das suas supremas manifestações no enigma da essência do tempo, que já Santo Agostinho exprimiu nesta passagem célebre: «O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir?»²⁵. Também Fernando Pessoa confessa: «Uns com os olhos postos no passado, / Vêem o que não vêem; outros, fitos / Os mesmos olhos no futuro, vêem / O que não pode ver-se. / Porque tão longe ir pôr o que está perto — / A segurança nossa? Este é o dia, / Esta é a hora, este o momento, isto / É quem somos, e é tudo. / Perene flui a interminável hora / Que nos confessa nulos. No mesmo hausto / Em que vivemos, morreremos. Colhe / O dia, porque és ele»²⁶. E quase transcrevendo Heráclito: «O rio que passa dura / Nas ondas que há em passar, / E cada onda figura / O instante de um lugar. / Pode ser que o rio

²¹ Ricardo Reis, *Odes*, Lisboa, 1981, p. 142. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de IV (4.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

²² VI, 39.

²³ VI, 40.

²⁴ VI, 52.

²⁵ Santo Agostinho, *Confissões*, Porto, 1981, 10.º ed., p. 304.

²⁶ IV, 154.

siga, / Mas a onda que passou / É outra quando prossiga. / Não continua: durou. / Qual é o ser que subsiste / Sob estas formas de estar, / A onda que não existe, / O rio que é só passar? / Não sei, e o meu pensamento / Também não sabe se é, / Como a onda o seu momento / Como o rio (?)»²⁷. Assim, o próprio presente o que é? «Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!»²⁸. Daí, a vertigem do nada: «Nada fica de nada. Nada somos. / Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos / Da irrespirável treva que nos pese / Da humilde terra imposta, / Cadáveres adiados que procriam»²⁹. Na voragem da mobilidade nadificante do tempo, o próprio eu soçobra e dissolve-se: «Outra vez te revejo, / Cidade da minha infância pavorosamente perdida... / Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui... / Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei. / E aqui tornei a voltar, e a voltar, / E aqui de novo tornei a voltar? / Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram, / Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória, / Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?»^{29a}. «Porque esqueci quem fui quando criança? / Porque deslembra quem então eu era? / Porque não há nenhuma semelhança / Entre quem sou e fui? / A criança que fui vive ou morreu? / Sou outro? Veio um outro em mim viver? / A vida, que em mim flui, em que é que flui? / Houve em mim várias almas sucessivas / Ou sou um só inconsciente ser?»^{29b}.

Mas onde reside o núcleo do mistério de todas as coisas? Fernando Pessoa passa do mistério genérico para o mistério do mistério, o mistério duplicado, que é o mistério do ser e do seu fundamento. «Mais que a existência / É um mistério o existir, o ser, o haver / Um ser, uma existência, um existir — / Um qualquer, que não este, por ser este — / Este é o problema que perturba mais. / O que é existir — não nós ou o mundo — / Mas existir em si?»³⁰. «Montanhas, solidões (...), desertos todos, / (Inda) que assim eu tenha de morrer / Revelai-me a vossa alma, isso que faz / Que se me gele a mente ao perceber / Que realmente existis e, em verdade, / Que sois facto,

existência, coisa, ser»³¹. Para utilizar a distinção famosa de Gabriel Marcel, trata-se realmente de um mistério e não de um problema, pois o homem não é exterior, mas está dentro do próprio enigma³²: «Para mim ser é admirar-me / de estar sendo»³³. Aí está o espanto e a admiração, ponto de partida do filosofar, como bem viram Platão e Aristóteles. Mas o enigma é também o da unidade e multiplicidade no ser: «Ah, que diversidade, / E tudo sendo. O mistério do mundo, / O íntimo, horroroso, desolado, / Verdadeiro mistério da existência, / Consiste em haver esse mistério»³⁴.

Estamos face à questão anterior a todas as questões, a primeira de todas as interrogações, que Martin Heidegger formulou nestes termos: «Porque é que há Seres em vez de Nada?»³⁵. O que é que possibilita que existam seres, o que é que permite que haja qualquer coisa? Fernando Pessoa coloca a questão na sua vertigem de abismo: «Ah, perante esta única realidade, que é o mistério, / Perante esta única realidade terrível — a de haver uma realidade, / Perante este horrível ser que é haver ser, / Perante este abismo de existir um abismo, / Este abismo de a existência de tudo ser um abismo, / Ser um abismo por simplesmente ser, / Por poder ser, / Por haver ser! / — Perante isto tudo como tudo o que os homens fazem, / Tudo o que os homens dizem, / Tudo quanto constroem, desfazem ou se constroem ou desfaz através deles, / Se empequena! / Não, não se empequena... se transforma em outra coisa — / Numa só coisa tremenda e negra e impossível, / Uma coisa que está para além dos deuses, de Deus, do Destino — / Aquilo que faz que haja deuses e Deus e Destino, / Aquilo que faz que haja ser para que possa haver seres, / Aquilo que subsiste através de todas as formas / De todas as vidas, abstractas ou concretas, / Eternas ou contingentes, / Verdadeiras ou falsas! / Aquilo que, quando se abrangeu tudo não se abrangeu explicar porque é um tudo, / Porque há qualquer coisa, porque há qualquer coisa, porque há qualquer coisa!»³⁶.

É difícil, perante a grandiosidade deste texto, não nos lembrarmos de Heidegger, que centra todo o seu pensamento na investigação

²⁷ VIII, 173-174.

²⁸ II, 51.

²⁹ IV, 147.

^{29a} II, 250.

^{29b} Fernando Pessoa, *Poesias Inéditas* (1930-1935), Lisboa, 1978, p. 102. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de VII (7.º volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

³⁰ VI, 86-87.

³¹ VI, 98.

³² Cf. Gabriel Marcel, *Être et Avoir*, Paris, s/d, p. 169.

³³ VI, 87.

³⁴ VI, 85.

³⁵ Martin Heidegger, *Was ist Metaphysik?*, Frankfurt A. M., 1951, 6.ª ed., p. 48. Cit. por A. Antunes, *a. c.*, p. 133.

³⁶ II, 94-95.

do próprio ser como fundamento dos entes. É necessário pensar o próprio ser, o que significa «pensá-lo na sua diferença com o ente, e pensar o ente na sua diferença com o ser»³⁷. É preciso distinguir entre *Sein* (ser) e *Seiendes* (ente). Esta diferença é ontológica. Contactamos imediatamente com os entes. Todas as coisas são: a pedra «é», o animal «é», a obra de arte «é», o homem «é». Mas nenhum dos seres tem em si o seu fundamento. Eles são pelo ser. Mas o que é o ser? Haverá resposta para esta questão radical? Sendo a questão do ser a raiz de toda a metafísica enquanto ontologia, é evidente que todos os filósofos foram surpreendidos por ela, e o seu esforço foi dar-lhe solução. Os escolásticos, concretamente S. Tomás de Aquino, encontraram-na na definição de Deus como *Ipsum Esse Subsistens*, de que todos os seres participam analogicamente, recebendo de Deus o seu ser, por um acto livre de criação *ex nihilo*. Heidegger pensa, porém, que o ser não é Deus. Para ele, «*Ser é o transcendente como tal*», como já escrevera na Introdução a *Sein und Zeit*³⁸. O ser é simplesmente o ser, o outro do ente, o nada do ente. Por isso, o ser é o mais próximo e o mais distante, e «o homem é o pastor do ser»³⁹, exigindo a linguagem «muito menos a expressão precipitada que o devido silêncio»⁴⁰. «Mas o ser — que é o ser? Ele é ele mesmo. Experimentar isto e dizê-lo é a aprendizagem pela qual deve passar o pensar futuro. O «ser» — isto não é Deus, nem um fundamento do mundo. O ser é mais amplo que todo o ente e é contudo mais próximo do homem que qualquer ente, seja isto uma rocha, um animal, uma obra de arte, uma máquina, seja isto um anjo de Deus. O ser é o mais próximo. E contudo a proximidade permanece, para o homem, a mais distante. O homem se atém primeiro já sempre apenas ao ente. Quando, porém, o pensar representa o ente enquanto ente, refere-se, certamente, ao ser; todavia, pensa, na verdade, constantemente, apenas o ente como tal e precisamente não e jamais o ser como tal. A «questão do ser» permanece sempre a questão do ente»⁴¹. Assim, «somentemente a partir da verdade do ser deixa-se pensar a essência do sagrado. E somente a partir da essência do sagrado deve ser pensada a essência da divindade. E, finalmente, somente na luz da essência da divindade, pode ser pensado e dito

³⁷ M. Heidegger, *Identität und Differenz*, Pfullingen, 1957, p. 59.

³⁸ M. Heidegger, *Carta sobre o Humanismo*, p. 77.

³⁹ *Ibid.*, pp. 67 e 86.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 88.

⁴¹ *Ibid.*, p. 67.

o que deve nomear a palavra 'Deus'»⁴². Heidegger, que, na sua primeira fase, parecia niilista, não se pronuncia, nos seus últimos escritos, nem pelo teísmo nem pelo ateísmo. Fica aberto ao Mistério. O que ele critica decididamente é a «ontoteologia», que faz de Deus um ente entre os entes. O drama do Ocidente é precisamente o esquecimento do ser. Ora, só no horizonte do ser poderá ser desencadeada «a dimensão do sagrado, que mesmo como dimensão já permanece fechada, caso não se clarear o aberto do ser para, em sua clareira, estar próximo do homem. Talvez o elemento mais marcante desta idade do mundo consista no rígido fechamento para a dimensão da graça. Talvez seja esta a única desgraça»⁴³. Entretanto, é preferível «hoje, no âmbito do pensamento, calar acerca de Deus»⁴⁴, seguindo a exigência da 7.^a e última proposição do *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein: «Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen» (o que não pode dizer-se deve calar-se)?⁴⁵ De facto, para o Wittgenstein do *Tractatus*, a ética, Deus, o sentido da vida e do mundo, *que o mundo seja são o místico, que não pode expressar-se em proposições*⁴⁶.

Fernando Pessoa coloca-se também numa solução diferente da dos escolásticos, embora pareça acenar, por vezes, para ela. De facto, a condição de possibilidade dos entes, entre os quais situa o próprio Deus, está para lá do Ser Subsistente: «Uma coisa que está para além dos deuses, de Deus, do Destino — / Aquilo que faz que haja deuses e Deus e Destino, / Aquilo que faz que haja ser para que possa haver seres (...)». Mas, então, a pergunta surge, inevitável: Como é possível conceber, para lá do domínio dos entes e do Ser, uma causa de todo o existente? Tratar-se-ia, como justamente escreve A. Antunes, de «uma metafísica do *esse logicum*, ou, se quiséssemos até — porque é este, ultimamente, o seu resultado — uma metafísica do *vácuo* ou do *Nada*. Tal concepção baseia-se no suposto de que o ser real só pode ser nos entes e nunca em si mesmo. Tudo o que é, é um existente, uma forma individual, e não se pode conceber — dum modo que não seja meramente lógico — um *ser* ou *existir* em si, um existir puro, que não seja um ente também. Daí o mistério sem

⁴² *Ibid.*, pp. 101-102.

⁴³ *Ibid.*, p. 102.

⁴⁴ *Identität und Differenz*, p. 70.

⁴⁵ Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus* (em alemão e espanhol), Madrid, 1957, p. 191.

⁴⁶ Cf. *Tractatus...*, 6.4 a 6.54. Na edição citada, pp. 185-191.

solução»⁴⁷. Terá, portanto, o Poeta de girar no vácuo, no caos, na inconsciência? Por isso, «Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor, / E é com minhas ideias que tremo, com a minha consciência de mim, / Com a substância essencial do meu ser abstracto / Que sufoco de incompreensível, / Que me esmago de ultratranscendente, / E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultraser, / Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir! / Cárcere do Ser, não há libertação de ti? / Cárcere de pensar, não há libertação de ti? / Ah, não, nenhuma — nem morte, nem vida, nem Deus! / Nós, irmãos gémeos do Destino em ambos existirmos, / Nós, irmãos gémeos dos Deuses todos, de toda a espécie, / Em sermos o mesmo abismo, em sermos a mesma sombra, / Sombra sejamos, ou sejamos luz, sempre a mesma noite. / Ah, se afronto confiado a vida, a incerteza da sorte, / Sorridente, impensando, a possibilidade quotidiana de todos os males, / Inconsciente o mistério de todas as coisas e de todos os gestos, / Por que não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte? / Ignoro-a? Mas que é que eu não ignoro? / A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo, / São mistérios menores que a Morte? Como se tudo é o mesmo mistério? / E eu escrevo, estou escrevendo, por uma necessidade sem nada. / Ah, afronte eu como um bicho a morte que ele não sabe que existe! / Tenho eu a inconsciência profunda de todas as coisas naturais, / Pois, por mais consciência que tenha, tudo é inconsciência, / Salvo o ter criado tudo, e o ter criado tudo ainda é inconsciência, / Porque é preciso existir para se criar tudo, / E existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser, / E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses»⁴⁸. Continuamos, porém, a perguntar: Como é que a condição possibilitante da existência de tudo, incluindo Deus, pode ser entendida como mera inconsciência ou uma essência sem existência? «Tremo de medo: / Eis o segredo aberto. / Além de ti / Nada há, decerto, / Nem pode haver / Além de ti, / Que (só) tens essência / Nem tens existência / E te chamas (...) Ser»⁴⁹. Afinal, que Ser ultratranscendente é esse, «(...) que transcende / Criatura e Criador (...)»?⁵⁰ Parece dever antes concluir-se que «O que é incompreensível é que se conceba para lá do limite do ser, um outro campo que não seja ser, mas que no entanto *seja*. Um campo a modo de

47 A. Antunes, *a. c.*, p. 129.

48 II, 86.

49 VI, 86.

50 VI, 82.

uma condição de haver ser: Deus e criaturas»⁵¹. Desta forma, Fernando Pessoa cairia no absurdo niilista, em que tudo, incluindo o eu, não passa de ilusão e nada⁵². Foi essa aliás uma das torturas permanentes do Poeta.

Mas, para lá do niilismo, não haverá outras soluções? Assim, terá Fernando Pessoa, o pagão⁵³, ficado aprisionado pelo sentimento do Destino fatalista, que é o que nele «vive de mais fundo»?⁵⁴. Pensará nessa Vontade cega e inconsciente, de que tudo é manifestação ilusória, à maneira de Schopenhauer?⁵⁵ Ou, perante o perigo permanente de objectivar o Mistério, reduzindo-o a coisa, a ente entre os entes, não se tratará também e acima de tudo de preservá-lo na sua Super-transcendência e, assim, no seu carácter de conhecido apenas enquanto infinitamente Desconhecido, como exigiram, entre outros e cada um à sua maneira, Nicolau de Cusa, Wittgenstein e Heidegger?

De tal modo o Mistério Ultratranscendente se abateu sobre Fernando Pessoa e o esmagou que o Poeta de *Tabacaria*, para trazê-lo à linguagem, não teve outra solução que a de tornar-se vários. É esta, penso, a verdadeira explicação dos heterónimos, não só dos mais conhecidos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares), mas também dos outros, que são legião: C. Pacheco, Doutor Abílio Ferreira Quaresma, Vicente Guedes, António Mora, Chevalier de Pas, Alexander Search, A. A. Cross, Charles Robert Anon, Pêro Botelho, Barão de Teive, etc.⁵⁶. «Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir. / Sentir tudo de todas as maneiras. / Sentir tudo excessivamente, / Porque todas as coisas são em verdade, excessivas / E toda a realidade é um excesso, uma violência, / Uma alucinação extraordinariamente nítida / Que vivemos todos em comum

⁵¹ A. Antunes, *a. c.*, p. 132.

⁵² Sobre o niilismo, cf. também Fernando Pessoa, *Textos Filosóficos* (estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho), Lisboa, 1968, I, p. 44 ss. Lembrar também, por exemplo, este verso de *Tabacaria*: «(...) Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada» (II, 252).

⁵³ Álvaro de Campos escreve: «O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro». (Fernando Pessoa, *Obra Poética* (Organização, Introdução e Notas de Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, 1972, 4.ª ed., p. 248).

⁵⁴ Manuel Antunes, *a. c.*, p. 51.

⁵⁵ Sobre as influências filosóficas em Pessoa, cf. António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, pp. 33-62.

⁵⁶ Cf. António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 64.

com a fúria das almas, / O centro para onde tendem as estranhas
forças centrífugas / Que são as psiques humanas no seu acordo de
sentidos. / Quanto mais eu sinta como várias pessoas, / Quanto mais
personalidade eu tiver, / Quanto mais intensamente, estridentemente
as tiver, / Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas, /
/ Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento, /
/ Estiver, sentir, viver, for, / Mais possuirei a existência total do
universo, / Mais completo serei pelo espaço inteiro fora. / Mais
análogo serei a Deus, seja ele quem for, / Porque, seja ele quem for,
com certeza que é Tudo, / E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele
é pouco»⁵⁷. «Multipliquei-me, para me sentir, / Para me sentir,
precisei sentir tudo, / Transbordei, não fiz senão extravasar-me, /
/ Despi-me, entreguei-me, / E há em cada canto da minha alma um
altar a um deus diferente»⁵⁸. «Deus não tem unidade, / Como a
terei eu?»⁵⁹. «E como são estilhaços / Do ser, as coisas dispersas /
/ Quebro a alma em pedaços / E em pessoas diversas»⁶⁰. «Assim
eu me acomodo / Com o que Deus criou, / Deixo teu diverso modo /
/ Diversos modos sou. / Assim a Deus imito, / Que quando fez o que
é / Tirou-lhe o infinito / E a unidade até»⁶¹.

O Universo apareceu-lhe de tal modo «Excessivo»⁶² que, para
dar conta da Totalidade, não encontrou outro caminho que o de
fragmentar-se em vários, à procura de um puzzle sempre impossí-
vel, porque nunca completo. Assim, para lá da explicação psico-
psicanalítica⁶³, a verdadeira concepção da heteronímia é a «galá-
xica», a que se refere José Augusto Seabra⁶⁴. Aliás, não estamos
permanentemente a *outrar-nos*, todos, na tentativa de uma compreen-
são maior da Realidade sempre distante? «O drama, quanto a mim»,
observa uma personagem de Pirandello, «reside inteiramente na
consciência que eu tenho, que cada um de nós tem de ser «um»,
quando afinal somos «cem», somos «mil», somos «tantas vezes um»,

57 II, 104-105.

58 II, 223.

59 VIII, 166.

60 VIII, 168.

61 VIII, 169-170.

62 II, 105.

63 Como se sabe, é um pouco a explicação, entre outros, de J. Gaspar Simões
e Eduardo Lourenço.

64 José Augusto Seabra, «Alberto Caeiro ou le degré zéro de poésie», publicado
no n.º 1 de *Sillages*. Cit. por Eduardo Lourenço, *o. c.*, p. 34.

quantas as possibilidades que há em nós...»⁶⁵. Só quem vive na
vulgaridade poderá sentir como alheia a confissão de Pessoa: «Toda
a constituição do meu espírito é de hesitação e dúvida. Para mim,
nada é nem pode ser positivo; todas as coisas oscilam em torno de
mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. Tudo para mim é
incoerência e mutação. Tudo é mistério, e tudo é prenhe de signifi-
cado. Todas as coisas são «desconhecidas», símbolos do Desconhecido.
O resultado é horror, mistério, um medo por demais inteligente»⁶⁶.
«Vivem em nós inúmeros»⁶⁷. «Cada um é muita gente»^{67a}.

A solução do panteísmo multiforme

Uma via para a solução do enigma transcendência-imanência
é a anulação da transcendência, mediante a afirmação do imanen-
tismo panteísta e a univocidade do ser. Sendo a inteligência, pela
sua própria natureza, a faculdade da unificação, o monismo exerce
um fascínio permanente sobre o espírito humano.

Fernando Pessoa, num artigo da Revista *A Águia*, apresenta,
frequentemente em linguagem confusa e, por vezes, arrumando os
sistemas filosóficos de forma arbitrária, a sua concepção do que
chama um *transcendentalismo panteísta*. Começa por afirmar que,
na procura de superar o dualismo matéria-espírito, pela eliminação
de um dos elementos, temos o materialismo absoluto ou o espiri-
tualismo absoluto. As outras soluções são o panteísmo e o trans-
cendentalismo, que necessariamente se apresentam também sob a
forma materialista ou sob a forma espiritualista, pois, «por mais
que abstractamente ideemos, realmente não temos outros modelos
por onde idear senão espírito e matéria. Mesmo, portanto, que con-
cebamos um Transcendente, inconscientemente e involuntariamente
o teremos de conceber como feito à imagem da matéria ou à seme-
lhança do espírito»⁶⁸. Por conseguinte, existe um panteísmo mate-
rialista e um panteísmo espiritualista: o primeiro, para o qual tudo
é Deus, é o de Espinosa; para o segundo, Deus é tudo, e teria sido

65 Cit. por David Mourão-Ferreira, *o. c.*, no Prefácio, p. 6.

66 Em David Mourão-Ferreira, *o. c.*, p. 15.

67 IV, 157.

67a Fernando Pessoa, *Novas Poesias Inéditas*, Lisboa, 1979, p. 50. Será citado,
daqui para diante, apenas com a indicação de X (10.º volume das Obras Completas
de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

68 Cit. em António Quadros, *o. c.*, pp. 144-145.

o sistema de Malebranche, «se houvesse sido pensado coerentemente, e despidamente de influência de estreita teologia»⁶⁹. O mesmo se passa com o transcendentalismo, mas é necessário sublinhar bem «a diferença entre o panteísmo e o transcendentalismo, tanto mais que estabelecemos nós estes termos independentemente de como tenham sido usados antes, assim como, de resto, fazemos esta classificação de modo absolutamente original»⁷⁰. Ora, em que é que consiste esta diferença essencial? «Para o panteísta de qualquer das duas espécies, matéria e espírito são manifestações reais de Deus, exista ele (panteísmo espiritualista) ou não (panteísmo materialista) como Deus além das suas duas manifestações. Para o transcendentalista, matéria e espírito são manifestações irreais de Deus, ou, antes, para não errarmos, do Transcendente manifestando-se como a ilusão, o sonho de si próprio»⁷¹. Mas, feita a distinção, é claro que há, portanto, também um transcendentalismo materialista — o de Schopenhauer, para quem «a essência real, de que as coisas são a ilusão, é qualquer coisa vaga cujo carácter essencial é ser inconsciente: ora, como a consciência é a base dos sistemas espiritualistas, temos aqui um sistema que, apesar de transcendentalista, o é antiespiritualista, isto é, materialisticamente»⁷² — e um transcendentalismo espiritualista, «que representa a hipótese contrária»⁷³. Existe, porém, conclui Pessoa, um outro sistema, «limite e cúpula de metafísica. Suponha-se que a um transcendentalista qualquer esta objecção se faz: O Aparente (matéria e espírito) é para vós irreal, é manifestação irreal do Real. Como, porém, pode o Real manifestar-se irrealmente? Para que o irreal seja irreal é preciso que seja real: portanto o Aparente é uma realidade irreal, ou uma irrealidade real — uma contradição realizada. O Transcendente, pois, é e não é ao mesmo tempo, existe à parte e não à parte da sua manifestação, é real e não-real nessa manifestação. Vê-se que este sistema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o panteísmo, transcendentalizado; chamemos-lhe pois o transcendentalismo panteísta. Há dele um exemplo único e eterno. É essa catedral do pensamento — a filosofia de Hegel»⁷⁴. Para Pessoa, este «transcendentalismo panteísta envolve

69 Cit. *ibid.*, p. 145.

70 Cit. *ibid.*, p. 145.

71 Cit. *ibid.*, p. 145.

72 Cit. *ibid.*, pp. 145-146.

73 Cit. *ibid.*, p. 146.

74 Cit. *ibid.*, p. 146.

e transcende todos os sistemas: matéria e espírito são para ele reais e irreais ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. Tão verdade é dizer que a matéria e o espírito existem como que não existem, porque existem e não existem ao mesmo tempo»⁷⁵. Para Pessoa, de facto, a suprema verdade envolve necessariamente a contradição: «A suprema verdade que se pode dizer de uma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo. Por isso, pois, que a essência do universo é a contradição — a irrealização do Real, que é a mesma coisa que a realização do Irreal —, uma afirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradição envolve. Dizer que a matéria é material e o espírito espiritual não é falso; mas é mais verdade dizer que a matéria é espiritual e o espírito material. E assim, complexa e indefinidamente»⁷⁶.

Na obra poética, há assomos claros de panteísmo, sob diversas formas. Assim, para Álvaro de Campos, há uma Força, uma Energia única, que tudo move e de que tudo é manifestação: «Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo... / A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe / As rodas da locomotiva, as rodas do eléctrico, os volantes dos Diesel, / E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma coisa. / Raiva panteísta de sentir em mim formidantemente, / Com todos os meus sentidos em ebulição, com todos os meus poros em fumo, / Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina linha / De si para si, para a ciclar violências de velocidade louca... / Ho... / Ave, salve, viva a unidade veloz de tudo! / Ave, salve, viva a igualdade de tudo em seta! / Ave, salve, viva a grande máquina do universo! / Ave, que sois o mesmo, árvores, máquinas, leis! / Ave, que sois o mesmo, vermes, êmbolos, ideias abstractas, / A mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna, / A mesma coisa sois, e o resto é por fora e falso, / O resto, o estático resto que fica nos olhos que param, / Mas não nos meus nervos motor de explosão a óleos pesados ou leves, / Não nos meus nervos todas as máquinas, todos os sistemas de engrenagem, / Nos meus nervos locomotiva, carro eléctrico, automóvel, debulhadora a vapor, / Nos meus nervos máquina marítima, Diesel, semi-Diesel, Campbell, / Nos meus nervos instalação absoluta a vapor, a gás, a óleo e a electricidade, / Máquina universal movida por correias de todos os momentos! / Todas as madrugadas

75 Cit. *ibid.*, p. 146.

76 Cit. *ibid.*, pp. 146-147. Cf. também António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, pp. 173-177.

são a madrugada e a vida, / Todas as auroras raíam no mesmo lugar: / Infinito... / Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta, / Todos os estremeçimentos de folhas são da mesma árvore, / E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar / Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo caminho...»⁷⁷. E noutro passo, já citado em parte: «Quanto mais eu sinto, quanto mais eu sinto como várias pessoas / (...), / Quanto mais unificadamente diverso, dispersamente atento, / Estiver, sentir, viver, for, / (...) / Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for, / Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo, / E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco. / Cada alma é uma escada para Deus, / Cada alma é corredor-Universo para Deus, / Cada alma é um rio correndo por margens de Externo / / Para Deus e em Deus com um sussurro soturno. / Sursum corda! Erguei as almas! Toda a Matéria é Espírito, / Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos / Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho / E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!»⁷⁸.

Para Alberto Caeiro, Deus confunde-se com a Natureza: «Não acredito em Deus porque nunca o vi. / Se ele quisesse que eu acreditasse nele, / Sem dúvida que viria falar comigo / E entraria pela minha porta dentro / Dizendo-me, *Aquí estou!* / (...) / Mas se Deus é as flores e as árvores / E os montes e sol e o luar, / Então acredito nele, / Então acredito nele a toda a hora, / E a minha vida é toda uma oração e uma missa, / E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos. / Mas se Deus é as árvores e as flores / E os montes e o luar e o sol, / Para que lhe chamo eu Deus? / Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar; / Porque, se ele se fez, para eu o ver, / / Sol e luar e flores e árvores e montes, / Se ele me aparece como sendo árvores e montes / E luar e sol e flores, / É que ele quer que eu o conheça / Como árvores e montes e flores e luar e sol. / E por isso eu obedeço-lhe, / (Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?), / Obedeço-lhe a viver, espontaneamente, / Como quem abre os olhos e vê, / E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes, / / E amo-o sem pensar nele, / E penso-o vendo e ouvindo, / E ando com ele a toda a hora»⁷⁹.

⁷⁷ II, 233-235.

⁷⁸ II, 104-105.

⁷⁹ Alberto Caeiro, *Poemas*, Lisboa, 1979, 7.^a ed., pp. 28-29. Será citado, daqui para diante, apenas com a indicação de III (3.^o volume das Obras Completas de Fernando Pessoa), seguindo-se as páginas.

Também Ricardo Reis se movimenta dentro «de um panteísmo tipo politeísta e fatalista»⁸⁰. Como se sabe, Ricardo Reis representa um epicurismo-estoicismo ao mesmo tempo amargo, resignado, doce e triste, e o deus Pã exprimia «a força invencida e prolixa da natureza inteira», tendo sido associado, «sob a influência da filosofia neo-platónica, à ideia da fertilidade»⁸¹: «O deus Pã não morreu, / Cada campo que mostra / Aos sorrisos de Apolo / Os peitos nus de Ceres — / Cedo ou tarde vereis / Por lá aparecer / O deus Pã, o imortal. / Não matou outros deuses / O triste deus cristão. / Cristo é um deus a mais, / Talvez um que faltava. / Pã continua a dar / / Os sons da sua flauta / Aos ouvidos de Ceres / Recumbente nos campos. / Os deuses são os mesmos, / Sempre claros e calmos, / / Cheios de eternidade / E desprezo por nós, / Trazendo o dia e a noite / E as colheitas douradas / Sem ser para nos dar / O dia e a noite e o trigo / Mas por outro e divino / Propósito casual»⁸². Por isso, a liberdade é uma ilusão, pois o Destino é que tudo comanda aos humanos e aos deuses: «Só esta liberdade nos concedem / Os deuses: submetermo-nos / Ao seu domínio por vontade nossa. / / Mais vale assim fazermos / Porque só na ilusão da liberdade / A liberdade existe. / Nem outro jeito os deuses, sobre quem / O eterno fado pesa, / Usam para seu calmo e possuído / Convencimento antigo / De que é divina e livre a sua vida. / Nós, imitando os deuses, / / Tão pouco livres como eles no Olimpo, / Como quem pela areia / / Ergue castelos para encher os olhos, / Ergamos nossa vida / E os deuses saberão agradecer-nos / O sermos como eles»⁸³.

Além-Deus, paganismo superior e ocultismo

Perante a vertigem do abismo de e do Ser, é necessário ir sempre mais além. Fernando Pessoa tem mesmo um poema que, significativamente, se intitula *Além-Deus*, que deveria ser citado na íntegra, mas do qual se apresentam apenas passagens: «(...) / E súbito encontro Deus. / Passou, fora de Quando, / De Porquê, e de Passando... / Turbilhão de Ignorado, / Sem ter turbilhonado..., / Vasto por fora do Vasto / Sem ser, que a si se assombra... / O Universo é o seu rasto... / Deus é a sua sombra... / (...) / Da minha ideia do

⁸⁰ António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 173.

⁸¹ Joel Schmidt, *Dictionnaire de mythologie grecque et romaine*, Paris, 1965, p. 233.

⁸² IV, 19-20.

⁸³ IV, 42-43.

mundo / Cai... / Vácuo além de profundo, / Sem ter Eu nem Ali... /
 / Vácuo sem si-próprio, caos / De ser pensado como ser... / Escada
 absoluta sem degraus... / Visão que se não pode ver... / Além-Deus!
 Além-Deus! Negra calma... / Clarão de Desconhecido... / Tudo tem
 outro sentido, ó alma, / Mesmo o ter-um-sentido... / (...) / Deus é
 um grande Intervalo, / Mas entre quê e que?... / Entre o que digo
 e o que calo / Existo? Quem é que me vê / Erro-me... / E o pombal
 elevado / Está em torno na pomba, ou de lado?»⁸⁴. E em *Primeiro
 Fausto*: Não haverá, / Além da morte e da imortalidade, / Qualquer
 coisa maior? Ah, deve haver / Além da vida e morte, ser, não ser, /
 / Um inominável supertranscendente, / Eterno incógnito e incognos-
 cível! / Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo. / P'ra que pensar,
 se há-de parar aqui / O curto voo do entendimento? / Mais além!
 Pensamento, mais além!»⁸⁵. O Desconhecido não pode, pois, revelar-
 -se sequer na morte. É que «o segredo, dito, deixa de ser segredo,
 perde a sua virtude mística de segredo»⁸⁶. Daí, o horror pânico
 perante a morte: pelo infinito da sua escuridão e poder ser o encontro
 intolerável do mistério, face a face: «O animal teme a morte porque
 vive, / O homem também, e porque a desconhece; / Só a mim é dado
 com horror / Temê-la, por lhe conhecer a inteira / Extensão e mis-
 tério, por medir / O (infinito) seu de escuridão»⁸⁷. «Ah, o horror de
 morrer! / E encontrar o mistério frente a frente / Sem poder evitá-lo,
 sem poder... / Gela-me a ideia de que a morte seja / O encontrar
 o mistério face a face / E conhecê-lo. Por mais mal que seja / A vida
 e o mistério de a viver / E a ignorância em que a alma vive a vida, /
 Pior me (relampeja) pela alma / A ideia de que enfim tudo será /
 / Sabido e claro... / Pudesse eu ter por certo que na morte / Me aca-
 baria, me faria nada, / E eu avançara para a morte, pávido / Mas
 firme do seu nada»⁸⁸. E mais adiante: «Só uma cousa me apavora /
 / A esta hora, a toda a hora: / É que verei a morte frente a frente /
 / Inevitavelmente. / Ah, este horror como poder dizer! / Não lhe
 poder fugir. Não podê-lo esquecer. / E nessa hora em que eu e a
 Morte / Nos encontrarmos / O que verei? O que saberei? / Horror!
 A vida é má e é má a morte / Mas quisera viver eternamente / Sem

saber nunca (...) isso que a morte traz (...) / Que o tempo cesse!
 Que pare e fique sempre este momento! / Que eu nunca me aproxime
 desse / Horror que mata o pensamento! / Envolvei-me, fechai-me
 dentro em vós / E que eu não morra nunca»⁸⁹. Aliás, se o Mistério
 se esgotasse, cair-se-ia no tédio da vida eterna, no fastidioso do
 mesmo, do mesmo que não comunica⁹⁰: «Aborreço-me da possi-
 bilidade / De vida eterna; o tédio / De viver sempre deve ser imenso. /
 / Talvez o infinito seja isso... / Já o tédio de o pensar é horroroso»⁹¹.
 Nunca saberemos, porque a Realidade é infinita e insondável,
 e, assim, «O segredo da Busca é que não se acha. / Eternos mundos
 infinitamente, / Uns dentro de outros, sem cessar decorrem / Inú-
 teis; Sois, Deuses, Deus dos Deuses / Neles intercalados e perdidos /
 / Nem a nós encontramos no infinito. / Tudo é sempre diverso,
 e sempre adiante / De (Deus) e Deuses: essa, a luz incerta / Da su-
 prema verdade»⁹². Para lá de Deus, há sempre Deus, e o seu abismo
 é impenetrável: «O espírito é outra estrela... O Deus pensável /
 / É um sol... E há mais Deuses, mais espíritos / De outras essências
 de Realidade... / (...) / Deus a si próprio não se compreende. / Sua
 origem é mais divina que ele, / E ele não tem a origem que as pala-
 vras / Pensam fazer pensar...»⁹³. Permaneceremos, portanto, sem-
 pre na universal ignorância, nessa mistura inextricável de verdade
 e erro: «Porque pois buscar / Sistemas vãos de vãs filosofias, / Reli-
 giões, seitas, (voz de pensadores), / Se o erro é a condição da nossa
 vida, / A única certeza da existência? / Assim cheguei a isto: tudo é
 erro, / Da verdade há apenas uma ideia / À qual não corresponde
 realidade. / Crer é morrer; pensar é duvidar; / A crença é o sono e o
 sonho do intelecto / Cansado, exausto, que a sonhar obtém / Efeitos
 lúcidos do engano fácil / Que antepôs a si mesmo, mais sentido, /
 / Mais (visto) que o usual do seu pensar. / A fé é isto: o pensamento /
 / A querer enganar-se eternamente / Fraco no engano, (e assim) no
 desengano; / Quer na ilusão, quer na desilusão. / Quanto mais funda-
 mente penso, mais / Profundamente me descompreendo. / O saber
 é a inconsciência de ignorar...»⁹⁴. Será ousado lembrar aqui, apesar

⁸⁹ VI, 132-133.

⁹⁰ Cf. Anselmo Borges, *Do Mesmo ao Diferente. Questões Deste Tempo*, Porto, s/d, pp. 46-50.

⁹¹ VI, 92.

⁹² VI, 77.

⁹³ VI, 81.

⁹⁴ VI, 94-95.

⁸⁴ *Obra Poética*, pp. 112-113.

⁸⁵ VI, 80

⁸⁶ Fernando Pessoa, *Textos Filosóficos* (estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho), Lisboa, 1968, II, p. 98.

⁸⁷ VI, 130.

⁸⁸ VI, 128-129.

dos universos diferentes, Nicolau de Cusa, talvez o filósofo cristão que mais radicalmente se apercebeu da transcendência absoluta e inacessível de Deus, a tal ponto intransponível pelo conhecimento humano que só se atinge de modo oculto e numa «ignorância doutíssima», pois está para lá e à quem da própria contradição e de todos os contrários (do ser e do não ser, do nada e do alguma coisa, do verdadeiro e do não verdadeiro), sendo assim possível um ecumenismo ousado da *una religio in rituum varietate*?⁹⁵

Já que nenhuma Igreja nem nenhum sistema ou religião podem conter em si o Supertranscendente (em todos há verdades, mas a Verdade está sempre mais além), propugna Fernando Pessoa o paganismo superior, onde caibam todos os deuses. Pergunta: «Que português verdadeiro pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando, fora dele, há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesmente no paganismo superior? Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! (...) Ser tudo, de todas as maneiras, porque a Verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa! Criemos assim o paganismo superior, o politeísmo supremo! Na eterna mentira de todos o deuses todos são Verdade»⁹⁶. Nesse Panteão universal, também cabe Cristo: «Não a ti, Cristo, odeio ou menosprezo / Que aos outros deuses que te precederam / Na memória dos homens. / Nem mais nem menos és, mas outro deus. / No Panteão faltavas. Pois que vieste / No Panteão o teu lugar ocupa, / Mas cuida não procures / Usurpar o que aos outros é devido»⁹⁷.

Mas, no final de contas, tudo é oculto, como diz no poema intitulado *Natal*: «Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade / Nem veio nem se foi: o Erro mudou. Temos agora uma outra Eternidade, / E era sempre melhor o que passou. / Cega, a Ciência a inútil gleba lavra. / Louca, a Fé vive o sonho do seu culto. / Um novo Deus é só uma palavra. / Não procures nem creias: tudo

⁹⁵ Cf. *De docta ignorantia*, *De Conjecturis* e sobretudo *De Deo Abscondito* (há tradução portuguesa, de Alberto Alves e Sousa, na *Revista Portuguesa de Filosofia*); sobre o ecumenismo, cf. *De Pace Fidei* e *De Cribatione Alchorani*.

⁹⁶ «A Nossa Crise», entrevista em *Vida Portuguesa*, de 13 de Outubro de 1923. Cit. em António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, pp. 183-184.

⁹⁷ IV, 72.

é oculto»⁹⁸. Uma das chaves de interpretação de Fernando Pessoa é também o ocultismo⁹⁹. Escreveu em 1915 a Sá-Carneiro: «A primeira parte da crise intelectual, já v. sabe o que é; a que apareceu agora deriva da circunstância de eu ter tomado conhecimento com as doutrinas teosóficas. (...) O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento superior e extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbam-me muito. Coisa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real *me hante*. (...) se v. meditar que a Teosofia é um sistema ultracristão — no sentido de conter os princípios cristãos elevados a um ponto onde se fundem não sei em que além-Deus — e pensar no que há de fundamentalmente incompatível com o meu paganismo essencial, v. terá o primeiro elemento grave que se acrescentou à minha crise. Se, depois, reparar em que a Teosofia, porque admite todas as religiões, tem um carácter inteiramente parecido com o do paganismo, que admite no seu panteão todos os deuses, v. terá o segundo elemento da minha grave crise de alma. A Teosofia apavora-me pelo seu mistério e pela sua grandeza ocultista, repugna-me pelo seu humanitarismo e apostolismo (v. compreende?) essenciais, atrai-me por se parecer tanto com um «paganismo transcendental» (é este o nome que eu dou ao modo de pensar a que havia chegado), repugna-me por se parecer tanto com o cristianismo, que não admito. É o horror e a atracção do abismo realizados no além-alma. Um pavor metafísico, meu querido Sá-Carneiro»¹⁰⁰. Numa nota autobiográfica, de 1935, confessa-se «Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas institucionalizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência da Maçonaria»¹⁰¹. Daí, embora não iniciado, a defesa que fez da Maçonaria¹⁰², e os seus poemas ocultistas *Iniciação* e *No Túmulo de Chris-*

⁹⁸ I, 218.

⁹⁹ Sobre este tema, cf. Dalila L. Pereira da Costa, *O Esoterismo de Fernando Pessoa*, Porto, 1971.

¹⁰⁰ Cit. em António Quadros, *o. c.*, pp. 263-267.

¹⁰¹ Cit. em António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 183.

¹⁰² Cf. os textos célebres, em David Mourão-Ferreira, pp. 171-180.

tian Rocreutz, que terminam, respectivamente: «Neófito, não há morte»¹⁰³; «Calmo na falsa morte a nós exposto, / O Livro ocluso contra o peito posto, / Nosso Pai Roseacruz conhece e cala»¹⁰⁴. A Rosa-Cruz (Rosa e cruz) é símbolo do encontro da transcendência e da imanência e da Unidade Múltipla e da Multiplicidade Una. A *Mensagem* é também a procura incansável e o apelo exaltante do Reino do Espírito, dessa Índia que só existe na alma («Pra que fui visitar a Índia que há / Se não há Índia senão a alma em mim?») ¹⁰⁵ e que tem a ver com o imaginário da Terceira Idade de História ¹⁰⁶.

Fernando Pessoa distingue, pois, entre os deuses relativos e o Deus Inefável: «Deus é o Homem de outro Deus maior: / (...) / Também, como foi nosso Criador, / Foi criado, e a Verdade lhe morreu...»¹⁰⁶; porém, o Criador deste mundo «não é o Deus inefável, mas um Deus-homem ou Homem-Deus, análogo a nós, mas a nós superior»¹⁰⁸. Fernando Pessoa coloca-se na perspectiva de uma hierarquia de mundos e de seres superiores, não acreditando na comunicação directa com Deus: «Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências e graus de espiritualidade subtilizando-se até se chegar a um ente supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros entes, igualmente supremos, que hajam criado outros como o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas e ainda outras razões, a Ordem Externa do Ocultismo, ou seja a Maçonaria, evita (excepto a maçonaria anglo-saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se Ele é criador, ou simplesmente governador do Mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, podemos ir comunicando com seres cada vez mais altos»¹⁰⁹. Assim, a vida é essa viagem infinita

¹⁰³ I, 236.

¹⁰⁴ I, 256.

¹⁰⁵ II, 138. Em V, 61: «E a Cruz alto diz que o que me há na alma / E faz a febre em mim de navegar / Só encontrará de Deus na eterna calma / O porto sempre por achar». E *passim*.

¹⁰⁶ Cf. Anselmo Borges, *Tomar e a Aventura Marítima no Culto do Espírito Santo*, Edição do Gabinete de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Tomar, s/d, e Agostinho da Silva, *Um Fernando Pessoa*, Lisboa, 1958.

¹⁰⁷ I, 254.

¹⁰⁸ *Textos Filosóficos*, II, p. 141.

¹⁰⁹ Cit. em António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 201.

ao encontro do Deus Desconhecido: «E daí a minha «crise» toda», escreve a Armando Cortes Rodrigues. «Não é crise para eu me lamentar. É a de se encontrar só quem se adiantou demais aos companheiros de viagem — desta viagem que os outros fazem para se distrair e acho tão grave, tão cheia de termos de pensar no seu fim, de reflectir no que diremos ao Desconhecido para cuja casa a nossa inconsciência guia os nossos passos... Viagem essa, meu querido Amigo, que é entre almas e estrelas, pela Floresta dos Pavores... e Deus, fim da Estrada infinita, à espera no silêncio da sua grandeza...»¹¹⁰.

A tortura de Deus e o menino Jesus

A vida do Poeta foi de facto uma longa travessia «pela Floresta dos Pavores», para onde aliás o empurrava permanentemente o seu temperamento. Incapaz de acção e decisão, incapaz ou impossibilitado de amar, Fernando Pessoa desgastou-se pensando: «Jamais tive uma decisão nascida do autodomínio (...). Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar; sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinários, inexpulsáveis associações de ideias cujo termo era o infinito. Não posso evitar o ódio que os meus pensamentos têm a acabar seja o que for; uma coisa simples suscita dez mil pensamentos, e destes dez mil pensamentos brotam dez mil interassociações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central em que se percam os pormenores sem importância mas a eles associados. Perpassam dentro de mim; não são pensamentos meus, mas sim pensamentos que passam através de mim. (...) O meu carácter é tal que detesto o começo e o fim das coisas, pois são pontos definidos. Aflige-me a ideia de se encontrar uma solução para os mais altos, mais nobres, problemas da ciência, da filosofia; a ideia que algo possa ser determinado por Deus ou pelo mundo enche-me de horror. Que as coisas mais momentosas se concretizem, que um dia os homens venham todos a ser felizes, que se encontre uma solução para os males da sociedade, mesmo na sua concepção — enfurece-me. E, contudo, não sou mau nem cruel; sou louco, e isso numa forma difícil de conceber»¹¹¹. Desfez-se a pensar («o pensar, que é o meu vício!»)¹¹², até ao cansaço, até à exaustão, numa lucidez ponteaguda e pun-

¹¹⁰ Cit. *ibid.*, p. 205.

¹¹¹ *Notas Íntimas*, cit. em David Mourão-Ferreira pp. 15-16.

¹¹² VII, 172.

gente: «O cansaço de pensar, indo até ao fundo de existir, / Faz-me velho desde antes de ontem com um frio até no corpo»¹¹³. «O que há em mim é sobretudo cansaço — / Não disto ou daquilo, / Nem sequer de tudo ou de nada: / Cansaço assim mesmo, / Cansaço. / (...) / Um supremíssimo cansaço, / íssimo, íssimo, íssimo, / Cansaço...»¹¹⁴.

Por isso, suspira por voltar à inconsciência feliz das coisas e à inocência dos tempos de criança. É a grande aspiração expressa sobretudo por Caeiro, o mestre: «Há metafísica bastante em não pensar em nada. / O que penso eu do Mundo? / Sei lá o que penso do mundo! / Se eu adoecesse pensaria nisso. / (...) O mistério das coisas? Sei lá o que é o mistério! / O único mistério é haver quem pense no mistério. / (...) / Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores / A de serem verdes e copadas e de terem ramos / E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar, / A nós, que não sabemos dar por elas. / Mas que melhor metafísica que a delas, / Que é a de não saber para que vivem / Nem saber o que não sabem? / «Constituição íntima das coisas»... / «Sentido íntimo do Universo»... / Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada»¹¹⁵. Mas esta ânsia de inocência, para lá do horror de pensar, perpassa toda a obra pessoana: «Não é o vício / Nem a experiência que desflora a alma, / É só o pensamento. Há inocência / Em Nero e em Tibério louco / Porque há inconsciência. Só pensar / Desflora até ao íntimo do ser. Este perpétuo analisar de tudo, / Este buscar de uma nudez suprema / Raciocinada coerentemente / É que tira a inocência verdadeira, / Pela suprema consciência funda / De si, do mundo (...) / Pensar, pensar e não poder viver! / Pensar, sempre pensar, perenemente, / Sem poder ter mão nele. Ah, eu sorri / Quando (por) vezes noto o inconsciente / Riso vazio do bandido / Rindo-se da inocência! Se ele soubesse / O que é perder a inocência toda... / O tédio! O tédio, quem me dera tê-lo!»¹¹⁶. «No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz e ninguém estava morto (...)»¹¹⁷. «Não poder viajar para o passado, para aquela casa e aquela afeição, / E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!»¹¹⁸. «Come chocolates, pequena; / Come chocolate! / Olha

¹¹³ II, 29.

¹¹⁴ II, 64-65.

¹¹⁵ III, 26-27.

¹¹⁶ VI, 108.

¹¹⁷ II, 284.

¹¹⁸ II, 194.

que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitadeira. / Come, pequena suja, come! / Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! / Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho, / Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida»¹¹⁹. «Gato que brincas na rua / Como se fosse na cama, / Invejo a sorte que é tua / Porque nem sorte se chama. / Bom servo das leis fatais / Que regem pedras e gentes, / Que tens instintos gerais / E sentes só o que sentes. / És feliz porque és assim, / Todo o nada que és é teu. / Eu vejo-me e estou sem mim, / Conheço-me e não sou eu»¹²⁰. «Ah, mágoa de ter consciência da vida! / (...) / Fosse pr'onde fosse, pra longe da ideia / De eu ter que pensar!»¹²¹. «A criança que fui chora na estrada. / Deixei-a ali quando vim ser quem sou; / Mas hoje, vendo que o que sou é nada, / Quero ir buscar quem fui onde ficou»¹²².

O menino Jesus seria o reencontro da inocência perdida: «Num meio-dia de fim de Primavera / Tive um sonho como uma fotografia. / Vi Jesus Cristo descer à terra. / Veio pela encosta de um monte / Tornou outra vez menino, / A correr e a rolar-se outra vez pela erva / E a arrancar flores para as deitar fora / E a rir de modo a ouvir-se de longe. / Tinha fugido do céu. / Era nosso demais para fingir / De segunda pessoa da Trindade. / No céu era tudo falso, tudo em desacordo / Com flores e árvores e pedras / No céu tinha que estar sempre sério / (...) / Um dia que Deus estava a dormir / E o Espírito Santo andava a voar, / Ele foi à caixa dos milagres, e roubou três. / Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido. / Com o segundo criou-se eternamente humano e menino. / Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz / E deixou-o pregado na cruz que há no céu / E serve de modelo às outras. / Depois fugiu para o Sol / E desceu pelo primeiro raio que apanhou. / Hoje vive na minha aldeia comigo / É uma criança bonita de riso e natural. / (...) A mim ensinou-me tudo. / (...) Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro. / Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava. / Ele é o humano que é natural, / Ele é o divino que sorri e que brinca. / E por isso é que eu sei com toda a certeza / Que ele é o Menino Jesus verdadeiro. / (...) / A Criança Eterna acompa-

¹¹⁹ II, 255.

¹²⁰ I, 133.

¹²¹ X, 39.

¹²² X, 90.

nha-me sempre. / A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando. /
 / O meu ouvido atento alegremente a todos os sons / São as cócegas
 que ele me faz, brincando, nas orelhas. / Damo-nos tão bem um
 com o outro / Na companhia de tudo / Que nunca pensamos um no
 outro, / Mas vivemos juntos e dois / Com um acordo íntimo, / Como
 a mão direita e a esquerda. / Ao anoitecer brincamos às cinco pedri-
 nhas / (...). / Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens /
 / E ele sorri, porque tudo é incrível. / Ri dos reis e dos que não são /
 reis, / E tem pena de ouvir falar das guerras, / E dos comércios, e
 dos navios, / Que ficam fumo no ar dos altos mares. / Porque ele
 sabe que tudo isso falta àquela verdade / Que uma flor tem ao flores-
 cer / E que anda com a luz do Sol / A variar os montes e os vales / E a
 fazer doer aos olhos os muros caiados. / Depois ele adormece e eu
 deito-o. / Levo-o ao colo para dentro de casa / E deito-o, despindo-o
 lentamente / E como seguindo um ritual muito limpo / E todo mat-
 ternó até ele estar nu. / Ele dorme dentro da minha alma / E às vezes
 acorda de noite / E brinca com os meus sonhos. / Vira uns de pernas
 para o ar, / Põe uns em cima dos outros / E bate as palmas sozinho /
 / Sorrindo para o meu sono. / Quando eu morrer, filhinho, /
 / Seja eu a criança, o mais pequeno. / Pega-me tu ao colo / E leva-me
 para dentro da tua casa. / Despe o meu ser cansado e humano / E
 deita-me na tua cama. / E conta-me histórias, caso eu acorde, /
 / Para eu tornar a adormecer. / E dá-me sonhos teus para eu brincar /
 / Até que nasça qualquer dia / Que tu sabes qual é. / Esta é
 a história do meu Menino Jesus. / Por que razão que se perceba /
 / Não há-de ser ela mais verdadeira / Que tudo quanto os filósofos
 pensam / E tudo quanto as religiões ensinam?»¹²³. Apesar das blas-
 fémias contidas no Poema (o próprio Fernando Pessoa deixou exa-
 rado em apontamentos soltos: «escrevi com sobressalto e repugnân-
 cia o poema oitavo do «Guardador de Rebanhos», com a sua blas-
 fémia infantil e o seu antiespiritualismo absoluto. Na minha pessoa
 própria, e aparentemente real, com que vivo social e objectivamente,
 nem uso da blasfémia, nem sou antiespiritualista») ¹²⁴, ele representa
 a procura terna e eterna da paz e da reconciliação, na simplicidade
 daquele «Menino eternamente criança e humano que era para Alberto
 Caeiro o Deus verdadeiro e supremo que faltava no universo (...).
 Não haverá salvação para o mundo enquanto não entendermos e

¹²³ III, 30-37.

¹²⁴ *Obra Poética*, p. 199.

fizermos penetrar em nossas consciências este facto basilar, e enquanto
 as nossas escolas, transformando-se inteiramente, não forem, em
 lugar de máquinas de fabricar adultos, viveiros de conservar crianças;
 enquanto não forem as crianças que nos levem, não pelo caminho
 que uma ciência fáustica previu, mas pelo que houver, dando a mão,
 ao mesmo tempo, a nós e às coisas: enquanto não for o Menino Jesus
 nosso Deus verdadeiro»¹²⁵. Fernando Pessoa «ele mesmo» também
 escreveu: «Grande é a poesia, a bondade e as danças... / Mas o
 melhor do mundo são as crianças, / Flores, música, o luar, e o sol,
 que peca / Só quando, em vez de criar, seca. / O mais do que isto /
 / É Jesus Cristo, / Que não sabia nada de finanças / Nem consta que
 tivesse biblioteca...»¹²⁶. E chega mesmo a caminhar de mãos dadas
 com Deus: «Por isso, a cada passo / Que meu ser triste e lasso /
 Sente sair do bem / Que a alma, se é própria, tem, / Minha mão de
 criança / Sem medo nem esperança / Para aquele que sou / Dou na
 de Deus e vou»¹²⁷.

Mas o Poeta acedera à consciência e sabe que é impossível e
 absurda a inconsciência consciente, a síntese sartriana do «en soi»
 e do «pour soi»¹²⁸. «Ela canta, pobre ceifeira, / Julgando-se feliz
 talvez; / (...). / Ah, poder ser tu, sendo eu! / Ter a tua alegre incon-
 ciência, / E a consciência disso! Ó céu! Ó campo! Ó canção! A
 ciência / Pesa tanto e a vida é tão breve! / Entrai por mim dentro!
 Tornai / Minha alma a vossa sombra leve! / Depois, levando-me,
 passai!»¹²⁹. «Só a inocência e a ignorância são / Felizes, mas não o
 sabem. São-no ou não? / Que é ser sem no saber? Ser, como a pedra, /
 / Um lugar, nada mais»¹³⁰. O próprio Caeiro, com o seu objecti-
 vismo, não pode encontrar a felicidade, porque há sempre dois Caei-
 ros: mesmo aquele que não quer metafísica nenhuma sabe-o, o que
 não quer filosofar já está filosofando.

Fernando Pessoa acabou por despedaçar-se na consciência da
 condição trágica da existência humana, cuja estrutura a Bíblia apre-

¹²⁵ Agostinho da Silva, *o. c.*, pp. 86-87.

¹²⁶ I, 248.

¹²⁷ VIII, 195.

¹²⁸ Cf. Jacinto do Prado Coelho, *o. c.*, p. 209. Ver também pp. 219-220, em que se faz a citação luminosa de Unamuno sobre a origem da tragédia humana: «Porque vivir es una cosa y conocer otra, y, como veremos, acaso hay entre ellas una tal oposición que podemos decir que todo lo vital es antirracional, no ya sólo irracional, y todo lo racional antivital. Y esta es la base del sentimiento trágico de la vida».

¹²⁹ I, 110-111.

¹³⁰ VI, 95.

senta no relato mítico do que se chama pecado original e que é a instituição estrutural do homem. Adão e Eva, diz o Génesis, eram felizes, vivendo no paraíso terreal: «estavam nus, e não se envergonhavam»¹³¹. Mas, no dia em que comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, «os seus olhos abriram-se»¹³², viram que estavam nus e souberam que eram mortais, sujeitos à consciência da inevitabilidade de morrer. Quer dizer, o relato bíblico inaugura a condição trágica do homem. Perdemos a inocência das coisas e das crianças, pelo uso e abuso da Razão. Fomos cindidos da Totalidade originária e arremessados para a liberdade e para a consciência da finitude. Entrámos na ruptura entre o finito e o Infinito, na «consciência desgraçada», ponto de partida da filosofia de Hegel. É esta a grandeza do homem: sabe que sabe (a consciência). Mas o saber finito, esse intervalo, esse «entre» o Nada e o Tudo, é o lugar donde procede a sua infelicidade. O animal também tem dores e também morre, mas não é capaz de infelicidade, porque não sabe que é mortal nem vive devorado pela consciência da finitude e da ignorância do Desconhecido¹³³.

Eis, pois, a tragédia de Pessoa: «Uns têm — e é sofrer — o duvidar: / Há Deus ou não há Deus? Há alma ou não? / Eu não duvido, ignoro. E se o horror / De duvidar é grande, o de ignorar / Não tem nome nem entre os pensamentos»¹³⁴. Daí, o seu balancear constante, triturante, paradoxal e contraditório entre a Presença e a Ausência: «Que coisa distante / Está perto de mim?»¹³⁵. «Não sou quem descrevo. Eu sou a tela / E oculta mão colora alguém em mim»¹³⁶. «Não meu, não meu é quanto escrevo, / A quem o devo? / De quem sou o arauto nado? / (...)»¹³⁷. «Sou grato Ao que do pó que sou / Me levantou»¹³⁷. «Emissário de um rei desconhecido / Eu cumpro informes instruções de além (...)»¹³⁸. Não sabe, porém, se existe: «Não sei se existe o Rei que me mandou»¹³⁹. O que sente perante a morte não é medo, mas horror: «...gela-me apenas, muda, /

131 Gén. 2, 25.

132 Gén. 3, 7.

133 Cf. Fradelino Rosa, *Uma Interpretação de Fernando Pessoa*, Lisboa, 1971, pp. 79 ss.

134 VI, 131.

135 *Obra Poética*, p. 173.

136 I, 55.

137 I, 152-153.

138 I, 59.

139 I, 60.

/ A presença da morte que triplica / O sentimento do mistério em mim»¹⁴⁰; mas «Não haverá, enfim, / Para as coisas que são, / Não a morte, mas sim / Uma outra espécie de fim, / Ou uma grande razão — / Qualquer coisa assim / Como um perdão?»¹⁴¹ e: «A morte é a curva da estrada, / Morrer é só não ser visto. / Se escuto, eu te oiço a passada / Existir como eu existo. / A terra é feita de céu. / A mentira não tem ninho. / Nunca ninguém se perdeu. / Tudo é verdade e caminho»¹⁴². Haver Deus é «qualquer coisa de grande e pavoroso»¹⁴³ e «Não haver Deus é um deus também»¹⁴⁴. «Às vezes sou o Deus que trago em mim / E então eu sou o Deus e o crente e a prece / E a imagem de marfim / Em que esse deus se esquece. / Às vezes não sou mais do que um ateu / Desse deus meu que eu sou quando me exalto. / Olho em mim todo um céu / E é um mero oco céu alto»¹⁴⁵. «Cheio de Deus, não temo o que virá (...)»¹⁴⁶, mas, antecipando Sartre, também escreve: «Deus pessoal, deus gente, dos que crêem, / Existe, para que eu te possa odiar! / (...) / O horror metafísico de Outrem! / O pavor de uma consciência alheia / Como um deus a espreitar-me! / Quem me dera / Ser a única (coisa ou) animal — / Para não ter olhares sobre mim!»¹⁴⁷. «Horror supremo! E não poder gritar / A Deus — que Deus não há — pedindo alívio!»¹⁴⁸; no entanto, ainda que a existência de Deus seja indemonstrável, «é um acto de fé racional, natural portanto — inevitável até — em qualquer homem no uso da sua plena razão. E tanto assim é que o ateísmo anda sempre ligado a duas qualidades mentais negativas — a incapacidade de pensamento abstracto e a deficiência de imaginação racional. Por isso, nunca houve grande filósofo ou grande poeta que fosse ateu»¹⁴⁹. «A verdade manda Deus que se diga. Mas ouviu alguém isso a Deus?»¹⁵⁰. Quem sabe se a sua angústia não é a saudade do Cais donde outrora partimos, «O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado, / Insensivelmente

140 VI, 129.

141 I, 207.

142 I, 144.

143 VI, 56.

144 VIII, 69.

145 X, 23.

146 V, 39.

147 VI, 118-119.

148 VI, 100.

149 *Textos Filosóficos*, II, p. 78.

150 II, 72.

evocado, / Nós os homens construímos / Os nossos cais nos nossos portos, / (...) / O Grande Cais Anterior, eterno e divino! / (...) / Ah, que essencialidade de mistério e sentido parados / Em divino êxtase revelador / Às horas cor de silêncios e angústias / Não é ponte entre qualquer cais e O Cais!»¹⁵¹; mas ele será «sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta / E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira, / E ouviu a voz de Deus num poço tapado. / (...) / Escravos cardíacos das «estrelas, / Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama; / Mas acordámos e ele é opaco, / Levantámo-nos e ele é alheio, / Saímos de casa e ele é a terra inteira, / Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido»¹⁵². «A paisagem longínqua só existe / Para haver nela um silêncio em descida / Para o mistério, silêncio a que a hora assiste... / E, perto ou longe, grande lago mudo, / O mundo, o informe mundo onde há a vida... / E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...»¹⁵³; mas encontrar Deus deve ser horrível: «E um pavor físico de encontrar Deus faz-me fechar os olhos de repente»¹⁵⁴, a ponto de pedir que a Verdade o esqueça: «Não, não, isso não! / Tudo menos saber o que é o Mistério! / Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas, / Não vos ergais nunca! / O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se! / Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada! / A razão de haver ser, de haver seres, de haver tudo, / Deve trazer uma loucura maior que os espaços / Entre as almas e entre as estrelas. / Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente; / Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente... / Que abafos horrível e frio me toca em olhos fechados? / Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!»¹⁵⁵.

O que o perturba é a incompreensibilidade do mistério. Como justamente escreve António de Pina Coelho, «No fundo, Pessoa sente-se centro deste saber e não-saber, do incompreensível pascaliano. «Incompreensível que Deus exista. Incompreensível que Deus não exista». (Emmanuel Mounier) Esta incompreensibilidade de Deus gera a vacuidade, uma descrença que pode atingir os paroxismos da

151 II, 164-165.

152 II, 254-255.

153 I, 62.

154 II, 305.

155 II, 264-265.

loucura»¹⁵⁶. Então, exausto, chegou a admitir o Deus cristão: «Já estão em mim exaustas, / Deixando-me transido de terror, / Todas as formas de pensar (...) / O enigma do universo. Já cheguei / A conceber, como requinte extremo / Da exausta inteligência, que era Deus... / Já cheguei a aceitar como verdade / O que nos dão por ela, e a admitir / Uma realidade não real / Mas não sonhada, (como o) Deus Cristão»¹⁵⁷. Para encontrar a paz, suspira pela infância perdida e impossível ou ao menos por uma religião qualquer: «Esta velha angústia, / Esta angústia que trago há séculos em mim, / Transbordou da vasilha, / Em lágrimas, em grandes imaginações, / Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror, / Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum. / Transbordou. / Mal sei como conduzir-me na vida / Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma! Se ao menos endoidecesse deveras! / Mas não: é este estar entre, / Este quase, / Este poder ser que..., / Isto. / Um internado no manicómio é, ao menos, alguém, / Eu sou um internado num manicómio sem manicómio. / Estou doido a frio, Estou lúcido e louco, / Estou alheio a tudo e igual a todos: / Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura / Porque não são sonhos / Estou assim... / Pobre velha casa da minha infância perdida! / Quem te diria que eu me desacolhesse tanto! / Que é do teu menino? Está maluco. / Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano? — / Está maluco. / / Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou. / Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer! / Por exemplo, por aquele manipanso / Que havia em casa, lá nessa, trazido de África. / Era feísimo, era grotesco, / Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê. / Se eu pudesse crer num manipanso qualquer — / Júpiter, Jeová, a Humanidade — / Qualquer serviria, / Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo? / Estala, coração de vidro pintado!»¹⁵⁸. E, com nítidas conotações religiosas, invoca a Noite Misteriosa: «Vem, Noite antiquíssima e idêntica, / Noite Rainha nascida destroadada, / Noite igual por dentro ao silêncio, Noite / Com as estrelas lantejoulas rápidas / No teu vestido franjado de Infinito. / (...) / Nossa Senhora / Das coisas impossíveis que procuramos em vão, / / Dos sonhos que vêm ter connosco ao crepúsculo, à Janela, / Dos propósitos que nos acariciam / (...) / Vem, e embala-nos, / Vem e

156 António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 207.

157 VI, 76.

158 II, 54-55.

afaga-nos. / Beija-nos silenciosamente na fronte, / Tão levemente na fronte que não sabemos que nos beijam / Senão por uma diferença na alma. / (...). / Vem soleníssima, / Soleníssima e cheia / De uma oculta vontade de soluçar, / Talvez porque a alma é grande e a vida pequena, / E todos os gestos nos saem do nosso corpo / E só alcançamos onde o nosso braço chega, / E só vemos até onde chega o nosso olhar. / Vem, dolorosa, / Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos, / Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados, / / Mão fresca sobre a testa em febre dos humildes, / Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados. / Vem, lá do fundo / Do horizonte lívido, / Vem e arranca-me / Do solo de angústia e de inutilidade / Onde vicejo»¹⁵⁹.

Conclusão

A conclusão é que não pode haver conclusão. Fernando Pessoa crucificou-se no labirinto de pensar tudo («arrasto a cruz do meu pensar») ¹⁶⁰, num universo fragmentado, sem saída definitiva para nada. Formulou metafísica e ludicamente todas as perguntas, ousando todas as respostas e nenhuma, porque fica sempre o Desconhecido, de que Ser, Universo e Não-Ser são a tríplice manifestação («Being, Universe, Not-Being — this is the triple manifestation of the Unknown») ¹⁶¹. Nele, a Razão não é o pensamento ordenador, classificador, sistematizador; anda sempre unida à Emoção (escreveu: «Os nossos escritores e artistas (...) ignoram que um poema, por exemplo, não é mais que uma carne de emoção cobrindo um esqueleto de raciocínio») ¹⁶². O *homo sapiens* conjuga-se com o *homo demens*. A razão apolínea explode em vertigem dionisíaca, fazendo também lembrar Nietzsche, mas com uma diferença: a euforia é derrotada pela falência.

Assim, se, no dizer do Padre Manuel Antunes, a afirmação de Deus como «a Grande Ogiva ao fim de tudo» é «a expressão mais intelectual e mais gráfica do pensamento religioso de Fernando Pessoa» ¹⁶³, também é verdade, como escreve Zacarias de Oliveira,

¹⁵⁹ II, 155-157.

¹⁶⁰ VI, 75.

¹⁶¹ Manuscrito inédito, cit. em António de Pina Coelho, *Os Fundamentos Filosóficos...*, p. 181.

¹⁶² «O Caso Mental Português», cit. em David Mourão-Ferreira, p. 148.

¹⁶³ *A. c.*, p. 55.

que «não há uma linha certa de condução, não há um pensar igual: há uma espécie de caos religioso, névoa onde de vez em quando surgem estrelas para se apagarem. Há a indecisão dispersa de Pessoa, unido apenas na sua elaboração artística» ¹⁶⁴.

Tendo como guia «a só razão» — «Alumia-me em vão? / Só ela me alumia» ¹⁶⁵ — incapaz, portanto, de entrega ao Mistério Pessoal na radicalidade da confiança, Fernando Pessoa, consumido pela «febre de Além», mas ao mesmo tempo corroído por um «cepticismo deprimente» ¹⁶⁶, definindo-se a si próprio como «espírito especulativo e metafísico, e por isso triste e desgracioso» ¹⁶⁷ e também como «um novelo embrulhado para o lado de dentro» ¹⁶⁸, numa solidão atroz em estilhaço, não teve outro caminho senão tornar-se vários e transpor para a estética divina dos seus Poemas o enigma ontológico-teológico intransponível e devorante. Para não enlouquecer de vez nem suicidar-se. «Aos trambolhões me inspiro, / Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto, / E os meus versos são eu não poder estoirar de viver» ¹⁶⁹.

ANSELMO BORGES

¹⁶⁴ Zacarias de Oliveira, «O Problema Religioso em Fernando Pessoa», em *Estudos*, vol. IV, n.º 396, Abril de 1961, p. 228.

¹⁶⁵ I, 140.

¹⁶⁶ Jacinto do Prado Coelho, *o. c.*, p. 230.

¹⁶⁷ Fernando Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, cit. por Jacinto do Prado Coelho, *o. c.*, p. 188.

¹⁶⁸ *Obra Poética*, p. 248.

¹⁶⁹ II, 210. Cf. também Alfredo Antunes, *a. c.*, p. 154 e Jacinto do Prado Coelho, *o. c.*, pp. 229-230.